



166

líderes antecipam 2021

O que esperam para o mundo, o país e a economia | **Esperança** foi a palavra escolhida para perspetivar o ano | **Desemprego** domina preocupações nacionais | **Pandemia** é o maior risco à escala global | **Rentabilidade** vai ser a prioridade | **Teletrabalho** irá tornar-se mais comum | **Restrições** só terminam no segundo semestre | **Tecnologia** ganhará relevância | **Orçamento** para 2022 será aprovado | **Estados Unidos** terão melhores relações com a China e a Europa | **Crescimento** da Zona Euro é uma incógnita

PRIMEIRA LINHA 4 a 25

O início de 2021 terá tanto de restrições como de esperança de retomar à normalidade.

O pós-pandemia será forte em termos de consumo, devido à poupança acumulada. Porém, a retirada dos estímulos fiscais e monetários será desafiante porque virão à tona muitas das

insolvências e o desemprego que se evitaram em 2020.

A nível global, os governos terão dificuldade em abandonar o viés autoritário que a pandemia permitiu.

Os conflitos com a China deverão acentuar-se, agora que está mais claro para o Ocidente que a sua posição está em risco.



FILIPE GARCIA
Presidente da IMF - Informação de Mercados Financeiros



MÁRIO AZEVEDO FERREIRA
CEO do NAU Hotels & Resorts

Incerteza. Dependerá da velocidade de produção, entrega e disseminação da nova vacina.

E dependerá da retoma da CONFIANÇA por parte dos governos – em reduzir as restrições – e dos consumidores – em voltarem a consumir como antes.

Prevejo um primeiro trimestre tímido, um primeiro semestre com a confiança em crescendo, um segundo semestre de franca retoma e a transição para 2022 já com regresso aos hábitos de consumo normais.

Mas ainda pode tudo correr mal. A palavra de ordem: CONFIANÇA.

Ano muito difícil com o Estado a sufocar as empresas privadas.



JOÃO LEVY
CEO da ECOServiços

Já foi quase tudo dito sobre o ano de 2020, um ano atípico, desafiante a todos os níveis, que nos apanhou (e continua a apanhar) de surpresa. Foi um duríssimo teste a governantes e governados, uma verdadeira parceria público-privada entre o Governo da República, as empresas e as famílias. Todos, individual e coletivamente, retirámos valiosas lições deste ano que acabou.

Essas mesmas lições devem ser projetadas para 2021, um ano em que se espera que o novo normal seja progressivamente cada vez mais anormal. As opções estratégicas que o Governo tome agora irão provavelmente marcar as próximas décadas, mais investimento na economia de futuro, em I&D, na ciência e na cultura seria a única forma de alterar o paradigma dos últimos 50 anos da economia portuguesa, aperfeiçoar quadros legislativos, sofisticar os ambientes regulatórios e capacitar os serviços públicos e camarários são indispensáveis para atrair investimento estrangeiro e nacional sustentável e de qualidade. Em resumo, gostaria de ver mais política estratégica, de longo prazo, e menos política partidária, de curto prazo, coincidentes com ciclos eleitorais.



DOMINGOS CRUZ
"Managing partner" da CCA



JOÃO BARROS
CEO do Pagaqui

Melhor seguramente. Depois de um ano de 2020 extraordinariamente atípico, não pelos melhores motivos, 2021 vai ser um ano de esperança, retoma e, talvez até, de alguma euforia.

O cansaço provocado pela privação que representou o confinamento geral vai seguramente ser uma mola impulsadora da economia via o consumo em geral. No setor dos pagamentos em particular, vamos continuar a assistir ao aumento significativo, quer dos pagamentos online, por via do significativo crescimento do e-commerce, quer dos pagamentos eletrónicos em detrimento do numerário. A necessidade acelerada de soluções de pagamento eletrónico, por via da pandemia, acelerou ainda mais a revolução digital em Portugal. Acredito assim que em 2021, vamos assistir a uma ainda maior aceleração da aceitação de pagamentos eletrónicos pelos comerciantes e assistir, de facto, a uma mudança permanente nas expectativas dos clientes – tornando as soluções digitais e de comércio eletrónico mais importantes do que nunca.

Portugal deveria preparar-se para ser mais competitivo. Nunca mais teremos tantos fundos ao nosso dispor. Se insistirmos em apoiar empresas sem hipóteses

de sobrevivência (empresas que têm sistematicamente prejuízo) será uma péssima aplicação de fundos. Outro problema é o IRC. Enquanto o resultado estiver nas empresas não faz sentido tributá-lo, isso só devia acontecer quando passa para a esfera do acionista. O mesmo com o salário mínimo.

Temos de começar a aumentá-lo pois faz aumentar a procura. Porém não pode ser taxado, pois nesse caso passa de consumo para imposto. Outro problema é a lei laboral. Se uma empresa quiser ir recrutar um jovem sem emprego por troca com um sénior verá que a indemnização é tão alta que dificilmente o fará.

Todos estes temas foram vistos e resolvidos por países da comunidade com sucesso, é só copiar.



CARLOS BARBOT
Presidente das Tintas Barbot

Todas as crises geram oportunidades e é desta forma que olhamos para 2021. Com preocupação, mas com otimismo e com foco para contribuir mais para o crescimento económico. As empresas têm de se adaptar a uma nova realidade, em que será necessário utilizar a gestão do risco como fonte de vantagem competitiva.



PEDRO PENALVA
CEO da Aon Portugal